

**Aluno:** Alessandro Jocelito Beccari (D)

**Orientador:** Prof. Dr. José Borges Neto (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof. Dr. Márcio Renato Guimarães (UFPR)

**Título:** Uma tradução da Grammatica speculativa, de Tomás de Erfurt, para o português

**Resumo:** O estudo do pensamento medieval sobre a linguagem é pouco cultivado no Brasil, embora seja imprescindível na elucidação da história das idéias lingüísticas. A Grammatica speculativa ou Tractatus de modis significandi sive grammatica speculativa foi escrita por volta de 1310 por Tomás de Erfurt e é considerada o trabalho mais representativo dentre um grande número de tratados e comentários sobre a linguagem que começaram a circular na Europa ocidental a partir da Summa grammatica de Roger Bacon na década 1250. As idéias contidas nesses tratados sobre os modos de significar das palavras foram responsáveis por um salto metodológico na compreensão das classes de palavras e da sintaxe. O objetivo principal desta pesquisa é a tradução do texto integral do Grammatica speculativa de Tomás de Erfurt para o português. Essa tradução será acompanhada por um estudo introdutório de caráter histórico, filosófico e lingüístico em que se fará uso de um número satisfatório de notas explicativas, diagramas ou formalizações que visarão a uma interpretação dos aspectos internos e externos, i.e., tanto teóricos e epistemológicos quanto históricos, desse texto gramatical. Além disso, esta pesquisa incluirá o desenvolvimento de um glossário em que se discutirão as relações entre conceitos-chave da Grammatica speculativa e noções lógicas e metafísicas do pensamento escolástico. Este trabalho direciona-se tanto a lingüistas interessados nos aspectos históricos e filosóficos dos estudos da linguagem do final da Idade Média quanto a filósofos e historiadores e demais interessados no desenvolvimento de teorias sobre a linguagem no mesmo período.

**Palavras-chave:** História e Filosofia da Lingüística, Historiografia Lingüística, Teoria Modista, Gramática, Tomás de Erfurt.

**Aluno:** Alex de Britto Rodrigues (M)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa Cristina Wachowicz (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR)

**Título:** Uma relação semântico-lexical para o fenômeno conhecido como “anáfora não correferencial”

**Resumo:** O presente projeto investiga o fenômeno conhecido como “anáfora não correferencial” (associativa ou indireta), buscando rastrear alguns mecanismos que a configuram linguisticamente. Mais precisamente, busca elucidar qual o mecanismo semântico que associa uma expressão referencial a um antecedente no discurso. Nesse fenômeno, a expressão anafórica, mesmo não sendo correferencial de seu antecedente, depende dele para determinar seu referente. A perspectiva com que se trabalha difere do modo com que a anáfora não correferencial é comumente abordada, visto que não é seguida, aqui, uma linha funcionalista. Nesse sentido, considerações de autores como Marcuschi (2005) e Alves (2009), dentro da linguística textual, são apenas pertinentes para traçar um panorama das abordagens mais trabalhadas. Com a hipótese de que as expressões anafóricas ditas não correferenciais “se prendem” às expressões antecedentes por meio de algum mecanismo baseado em uma relação semântica, possivelmente de caráter eventivo, este trabalho busca algumas respostas na perspectiva teórica de Ramchand (2008), que sugere uma estrutura sintática com base em eventos. É pretendido, assim, confrontar a hipótese com exemplos de ocorrências reais retirados de um corpus, de modo a explorar vantagens e limitações que venham a surgir no andamento da pesquisa.

**Palavras-chave:** anáfora associativa, anáfora indireta, estrutura eventiva

**Aluno:** Anna Carolyna Melo dos Santos (M)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Mendes Campos (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof. Dr. Bruno Dallari (UFPR)

**Título:** A teoria dos blocos semânticos e os fatores extralinguísticos – um estudo de textos

**Resumo:** Este projeto se vincula à linha de pesquisa da Pós-graduação em Letras da UFPR “Texto, discurso e pragmática: teorias e interfaces”. A pesquisa, em questão, toma a Teoria dos Blocos Semânticos – terceira versão da Teoria da Argumentação na Língua, de Oswald Ducrot – como modelo teórico para a descrição do sentido de crônicas argumentativas e crônicas narrativas, extraídas de revistas e jornais de circulação nacional e com recortes sócio-políticos diferentes. O modelo teórico escolhido tem suas bases no estruturalismo linguístico e pretende descrever o sentido das entidades linguísticas, tais como vocábulos, expressões e enunciados, a partir de encadeamentos argumentativos evocados pelas próprias entidades. A Teoria dos Blocos Semânticos também parte do princípio de que as descrições do sentido podem se distanciar daquilo que seja externo à língua, como idéias, pensamentos e crenças. Acredita-se aqui que as pretensões deste modelo teórico possam ser estendidas, a ponto de ser eficaz para o tratamento da descrição dos sentidos produzidos em textos, sejam eles argumentativos ou narrativos. No entanto, parece interessante questionar se a Teoria dos Blocos Semânticos de fato possibilita descrever as entidades linguísticas desconsiderando os aspectos extralinguísticos.

**Palavras-chave:** Teoria dos Blocos Semânticos, fatores extralinguísticos, texto.

**Aluno:** Antonio Luiz Gubert (M)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odete Pereira da Silva Menon (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adelaide Hercíla Pescatori Silva (UFPR)

**Título:** Variações fonético/fonológicas no português brasileiro de Vargeão (SC) por contato com o Vêneto

**Resumo:** Neste projeto de pesquisa estão sintetizadas as diretrizes básicas de minha dissertação de Mestrado que será apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, para obtenção do título de Mestre em Letras. O objetivo de minha pesquisa é o de analisar elementos característicos da fala do povo do Oeste de Santa Catarina, mais especificamente na cidade de Vargeão, município colonizado por descendentes de italianos oriundos do estado do Rio Grande do Sul, para descrever a variação fonético/fonológica no idioma local causada pelo contato com o vêneto, a língua dos colonizadores, partindo-se da hipótese de que a aplicabilidade dos padrões fonético/fonológicos do vêneto no português Vargeão (SC) tem variado de acordo com o tempo, em um movimento que favorece a perda das características do idioma dos colonizadores frente ao idioma dos colonizados. Para tanto, foram analisadas gravações de fala espontânea de 24 informantes, de ambos os sexos, de três escolaridades e de duas faixas etárias, analisando variação diagenérica, diassocial e diastrática. Também foram levantados dados históricos sobre a colonização do local, justificando a ocorrência de algum elemento analisado. Este estudo, então, contribui para um mapeamento linguístico da região e fornecerá dados para as teorias linguísticas em geral, principalmente às áreas de Fonética e Sociolinguística.

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Variação fonético/fonológica; Vargeão; Vêneto; Português Brasileiro.

**Aluno:** Bruna Pupatto Ruano (M)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ruth Bohunovsky (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof. Dr. Henrique Janzen (UFPR)

**Título:** O sistema de aprendizagem Tandem como alternativa para os estudos culturais nas aulas de Alemão como língua estrangeira no Brasil

**Resumo:** O presente trabalho tem como objeto o estudo do método Tandem como ferramenta de aprendizagem e aprimoramento de língua estrangeira, bem como sua utilização como uma alternativa para os estudos culturais nas aulas de Alemão como Língua estrangeira no Brasil. Para tal discussão será usado como base o modelo proposto por Claus Altmayer que tenta sistematizar o conceito de cultura para um contexto específico: Daf (Deutsch als Fremdsprache) – Alemão como Língua Estrangeira. O autor propõe um modelo alternativo para o conceito cultura intitulado Kulturelle Deutungsmuster (“modelo de interpretações culturais”). Segundo o autor, esse Deutungsmuster seria uma espécie de teia, traçada pelo sujeito, composta por inúmeros significados, interpretações e experiências que formaria essa grande teia cultural. O autor critica a idéia dos alunos serem tratados como representantes do todo, essa homogeneização das culturas. Porém, além da crítica, Altmayer não explicita de forma clara alternativas concretas para se trabalhar aspectos culturais em aulas de língua estrangeira dentro de seu modelo. O projeto aqui apresentado tem como objetivo discutir, com base no modelo proposto por Altmayer, uma alternativa possível para se trabalhar a cultura estrangeira em sala de aula, pensando na individualização do sujeito, bem como da cultura. A idéia é de se trabalhar com o sistema Tandem para proporcionar aos alunos uma vivencia singular da cultura-alvo estudada, tendo como exemplo um único dentro desse todo, diminuindo desta forma as generalizações e estereótipos tão freqüentes em aulas de língua estrangeira. A idéia seria fazer uso de plataformas on-line de aprendizagem tandem e também quando possível do método presencial. Diferentemente da aula convencional, o ambiente de aprendizagem Tandem possibilita aos seus participantes vivenciarem a cultura um do outro por meio da comunicação bilíngüe, ora atuando como nativo falante, ora como aprendiz da língua do outro. Para tanto apresentarei detalhadamente algumas plataformas in-tandem como também o tandem presencial (face-to-face) como uma alternativa possível de se trabalhar aspectos culturais nas salas de aula.

**Palavras-chave:** Tandem, língua estrangeira, autonomia, reciprocidade, estudos culturais.

**Aluno:** Caio Augusto Lima de Castro (M)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Foltran (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR)

**Título:**

**Resumo:** Neste projeto de mestrado assumimos como perspectiva de análise as relações estabelecidas entre as nominalizações em -ção e seus argumentos, em formações cuja leitura apresenta ao menos duas possibilidades de interpretação, como em:

- (1) A aprovação do ilustrador foi gratificante.
- (2) a. O ilustrador foi aprovado.  
b. A aprovação foi realizada pelo ilustrador.
- (3) A avaliação do professor foi positiva.
- (4) a. O professor foi avaliado.  
b. O professor avaliou algo/alguém.

Sintaticamente - correlacionada aos estudos feitos para o predicado verbal - a análise de uma base empírica como essa pode ser de alguma forma justificada quando são consideradas as atribuições de papéis temáticos e de Caso (dentro do modelo de Princípios e Parâmetros), ou a checagem de traços numa versão mais recente do Programa Minimalista. Portanto, almejamos, num primeiro momento, realizar a investigação da estrutura dos sintagmas nominais, partindo inicialmente da proposta desenvolvida por Jackendoff (1977), bem como os estudos de Grimshaw (1992) e Avelar (2006). A partir dessa investigação, pretendemos demonstrar que somente a análise sintática não é suficiente para explicitar a questão da dupla interpretação resultante da relação entre as nominalizações em -ção, advindas dos verbos que denotam uma ação, e seus argumentos e, por isso, desenvolvemos uma análise dentro do quadro teórico da morfologia gerativa, em particular adotando a abordagem inaugurada por Halle & Marantz (1995) e Marantz (1997) denominada Morfologia Distribuída.

**Palavras-chave:** Teoria Gramatical; Sintaxe Gerativa; Morfologia Distribuída; Nominalizações.

**Aluno:** Cindy Mery Gavioli (M)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Foltran (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof. Dr. Maximiliano Guimarães (UFPR)

**Título:** A classificação do quando em orações subordinadas: o que determina essa classificação

**Resumo:** Neste projeto de mestrado, intentamos analisar o ambiente sintático em que podemos ter o quando sendo considerado um “pronome (ou advérbio) relativo” como proposto por Mória (2001) e tendo, então, uma “relativa adverbial” a qual deriva de um processo de relativização (Medeiros Junior, 2009) em sentenças como:

- (1) Pedro acordou quando o telefone tocou.
- (2) Quando cheguei, fui bem atendida.
- (3) Crianças quando brincam ficam felizes.
- (4) João quebrou a porta quando estava com raiva.

Tendo em vista que, para a gramática tradicional, temos nessas sentenças exemplos de subordinadas adverbiais temporais, verificaremos até que ponto tal classificação está adequada e o que está envolvido para determinar essa classificação. Analisaremos, também, o comportamento de outros encabeçadores desse tipo de subordinada, para ver em que pontos se assemelham e buscando verificar se eles também derivariam de um processo de relativização. Para isso, além de nos basearmos em Mito (1994) e Mória (2001), assumiremos que quem, quando, onde e como podem ser relativas livres e que a relativa livre é aquela cujo núcleo nominal não está explícito, como visto em Marchesan (2008), Valer (2008) e Medeiros Junior (2005).

**Palavras-chave:** Relativas livres; subordinadas temporais; interrogativas indiretas; relativização.

**Aluno:** Daniela Zimmermann Machado (D)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa Cristina Wachowicz (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lígia Negri (UFPR)

**Título:** Estudo léxico-estereotípico: o fundamento semântico das anáforas associativas

**Resumo:** O projeto de tese objetiva apresentar uma fundamentação semântica para o fenômeno das anáforas associativas. Tais anáforas definem-se por retomadas lexicais com sustentação léxico-estereotípica (Kleiber, 2001), o que as distingue das anáforas indiretas, sustentadas por relações discursivas e/ou pragmáticas (Charolles 1990, Koch 2004, Marcuschi 2004). Em João podou a árvore, mas os galhos superiores ficaram intactos, temos um exemplo de anáfora associativa, mantida por uma relação lexical entre a árvore e os galhos superiores, mas em João podou a árvore, mas o proprietário do terreno não gostou, temos uma relação discursiva entre a árvore e o proprietário do terreno. Logo, prever relações lexicais na construção da textualidade pressupõe fundamentação semântica do léxico. Segundo a perspectiva cognitivista de Talmy (1985, 2001), a língua é resultado de relações entre agrupamentos modulares de primitivos semânticos que atuam na estruturação conceitual da linguagem: o sistema da configuração do espaço e do tempo, o sistema de atenção, o sistema de perspectiva e o sistema de encaixamento. Das categorias de Kleiber, as anáforas associativas mereonímicas (João podou a árvore, mas os galhos superiores ficaram intactos) acionam o sistema da configuração do espaço, enquanto que as anáforas actanciais (O casamento será no próximo sábado e o noivo já está uma pilha) acionam o sistema de distribuição da atenção. As anáforas locativas (A cidade amanheceu sob a neblina. A Igreja desapareceu da paisagem) e as funcionais (A cidade amanheceu sob a enxurrada. O prefeito decretou estado de emergência) são menos previsíveis numa representação lexical, o que as aproxima da noção de anáfora indireta. Analisamos as anáforas associativas nas diferentes sequências textuais (Adam, 1992/2008) e levantamos a hipótese de que as anáforas associativas favorecem o grau de referencialidade e especificidade semântica do texto. Essa hipótese foi comprovada na análise de textos da imprensa escrita.

**Palavras-chave:** anáforas associativas, fundamentação semântica, sequências textuais.

**Aluna:** Édina A. Cabral-Bührer (D)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clarissa Jordão (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Halu (UFPR)

**Título:** Formação pré-serviço em língua inglesa: a condição do aluno-professor na perspectiva da agência

**Resumo:** Trata-se de pesquisa etnográfica (WATSON-GECEO, 1998) com o objetivo de compreender a agência discente no processo construir-se professor de Língua Inglesa durante o Estágio Supervisionado no terceiro e quarto ano do Curso de Letras, habilitação em Inglês em uma Instituição de Ensino Superior do Sul do Brasil. O estágio, parte obrigatória da formação inicial do professor nos cursos de Letras, no contexto brasileiro representa um momento de preparação profissional e pessoal. Esta etapa da preparação envolve situações conflitantes relacionadas à condição aluno-professor, tais como as identidades fixas contidas em cada termo, bem como a extensão desta representação em relação à construção de uma identidade profissional. Dividido entre ser aluno e professor de uma língua estrangeira (neste caso da língua inglesa), o professor pré-serviço encontra-se numa situação de constante cobrança pessoal e institucional no momento de ensiná-la. O estágio, portanto, contribui para que surja uma oposição de identidades, fazendo com que o aluno-professor fique entre um lugar e outro, sem estar necessariamente em nenhum deles (ou nos dois) ou influenciado pela “simetria invertida” (CNE/CP 09/2001, p.30) e pela “ambiguidade de papéis” (GIMENEZ, 2002, p.176). Assim, entendo que primeiramente é preciso discutir o termo e a condição aluno-professor cujo entendimento pressupõe a junção de duas identidades que têm sido construídas, e ainda encontram espaço no contexto educacional, como fixas, únicas, objetivas (HALL, 2005). Neste caso este entendimento implica uma situação de binalidade. Assim, compreender o aluno-professor a partir do conceito de hibridização e de agência, oriunda dos estudos culturais (BHABHA, 1998), nas discussões em torno da agência no ensino e aprendizagem de língua inglesa (WIELEWICKI, 2002; JORDÃO, 2008) inserido num “sistema de distribuição e apropriação de discursos” (FOUCAULT, 2009, p.44) torna-se, ao mesmo tempo, uma forma de problematizar o lugar do aluno-professor, do estágio e do sistema no qual a identidade profissional tem sido construída.

**Palavras-chave:** Estágio supervisionado, pré-serviço, aluno-professor, língua inglesa, agência

**Aluno:** Evandro de Melo Catelão (D)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Bemquerer Costa (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa Cristina Wachowicz (UFPR)

**Título:** Da pura argumentação à manipulação: um estudo da argumentação em cartas de suicídios

**Resumo:** Estudos a respeito da argumentação se desenvolveram em diferentes linhas teóricas. Desde a antiguidade a retórica clássica se comprometeu com uma perspectiva persuasiva e a argumentação se relacionou à busca filosófica pela verdade até sua queda no final do século XIX. Em meados do século XX uma nova retórica toma a cena motivada pela invasão da publicidade no contexto social (Perelman, 1996 e Breton, 2003/1999). Nas ciências da linguagem foi estudada por princípios segundo os quais estaria inscrita na língua, (TAL – Teoria da Argumentação da Língua de Ducrot), conceitos da Lingüística da Enunciação (Benveniste), e por princípios textuais discursivos (Adam). O presente trabalho pretende filiar-se a uma perspectiva textual, considerando a argumentação como uma forma de composição elementar sob representações relativas a um esquema argumentativo e manipulatório (ADAM, 2008) inserido na retórica (ADAM & BONHOMME, 2010). Argumentar é uma estratégia humana direcionada a ação de convencer, fazer compartilhamento de uma ideia ou convencer outrem a adotar um determinado comportamento ou opinião. Ao argumentar pode-se utilizar um tipo de força não física, mas que não deixa de ser violenta, de coação em que muitas vezes se empregam estratégias psicológicas de manipulação em que manipular se configura como uma ação violenta que priva de liberdade aqueles a ela submetidos com o objetivo de “condicionar o público de tal maneira que ele aceite a mensagem sem discussão” (BRETON, 1999, p.64). Breton (1999) delimita em duas categorias técnicas manipulatórias que denomina “mobilização dos afetos”: uma apoiada nos sentimentos a inspirar no discurso, presentes no ethos e no pathos, mobilização afetiva, e outra de intervenção no conteúdo da mensagem, no raciocínio – logos – mobilização cognitiva. O presente estudo tem por objetivo principal identificar recursos textuais/discursivos utilizados em um corpus de cartas de suicídio e que acabam por caracterizar o gênero. Por objetivos específicos descrever o posicionamento social/discursivo do locutor, bem como a imagem do interlocutor criada, suas estratégias argumentativas quanto ao ato suicida e se essas estratégias sugerem um comportamento manipulatório. O estudo justifica-se pela ausência de trabalhos que utilizem esse corpus, podendo contribuir com outros estudos ligados a outras áreas de conhecimento. Espera-se identificar padrões manifestos nos textos que revelem atividades discursivas próprias de certos indivíduos com distúrbios psicológicos.

**Palavras-chave:** Argumentação; Cartas de Suicídio; Manipulação; Gêneros Textuais.

**Aluno:** Gesoel Ernesto Ribeiro Mendes Junior (M)

**Orientador:** Prof. Dr. Maximiliano Guimarães Miranda (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR)

**Título:** Análises de *tag questions*

**Resumo:** Neste trabalho, avalio três famílias de análises para *tag questions* (e.g. “João tocou a guitarra, não tocou?”) propostas na literatura: (i) hipotática; (ii) paratática; e (iii) amalgamativa. Na hipótese hipotática (Klima 1964, den Dikken 1995, Culicover 1993, entre outros), a conexão entre a oração inicial e a oração final, faz-se por meio de mecanismos sintáticos. Na hipótese paratática (Huddleston 1970, Sailor 2009, entre outros), por outro lado, oração final e inicial são sintaticamente independentes, conectando-se discursivamente. Na hipótese amalgamativa (Lakoff 1974, Mendes 2010), oração final e inicial combinam-se sintaticamente sem que haja subordinação ou coordenação entre elas, formando um marcador sintagmático multiplamente enraizado (Guimarães 2004). Após apresentar as três propostas em linhas gerais, submeto os dados a testes sintáticos, fonológicos e pragmáticos. Esses testes têm dois objetivos principais. Em primeiro lugar, espera-se que eles nos forneçam ferramentas diretas para o falseamento das hipóteses acima. Em segundo, espera-se que eles revelem aspectos da organização interna das estruturas estudadas que auxiliem o desenvolvimento de implementações técnicas detalhadas para cada hipótese. Após a formulação de implementações técnicas particulares, avaliar-se-á as hipóteses em termos de simplicidade e adequação aos testes.

**Palavras-chave:** *tag questions*, parataxe, hipotaxe, amalgamação sintática.

**Aluno:** Guida Fernanda P. Bittencourt (M)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ligia Negri (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara B. Costa (UFPR)

**Título:** Caso Nardoni: uma análise do discurso da sentença condenatória

**Resumo:** Com o arcabouço da teoria da Análise do Discurso de linha francesa, propomos o estudo de uma sentença judicial (proferida quando da condenação dos réus no caso Nardoni), com o fim de investigar e analisar os efeitos de sentido produzidos pelo discurso institucional e as estratégias do sujeito enunciador, balizados pelos conceitos-chave do discurso, ideologia e inconsciente. À luz do tripé da base epistemológica (marxismo, linguística e psicanálise) descrevemos as condições de produção da sentença condenatória, destacando os elementos paratextuais que contribuem na produção dos efeitos de sentido. A partir do método ‘descrever para analisar’, aliado ao método das paráfrases, oferecemos meios para comparação dos efeitos de sentidos produzidos, para dar foco às escolhas do sujeito enunciador do texto base. Isto por que, o discurso institucional, neste caso, o discurso do judiciário, enquanto braço punidor do estado – aquele que conta com o monopólio da retaliação pela conduta individual -, traz em seu bojo muitas facetas que podem ser objeto desta análise, em que pese seja um gênero cuja forma é regulada por lei, e portanto, engessada, mais estável. Observando sujeito e história, a partir da delimitação da cena de enunciação e dos atos discursivos, e pela análise dos discursos e da enunciação, pretendemos analisar o ethos do julgador sob duas perspectivas: o Estado como enunciador, atravessando o ente que enuncia, que figura apenas como lugar de onde se enuncia; e a figura do juiz como enunciador, desta vez, descolado do lugar de onde enuncia.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso Francesa, Ethos, Discurso institucional, Discurso jurídico, Gênero.

**Aluno:** Gustavo Nishida (D)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adelaide H. P. Silva (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ligia Negri (UFPR)

**Título:** Ontologia e Epistemologia das Teorias de Percepção da Fala

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é realizar um histórico sobre as teorias da percepção da fala a partir das suas diferentes ontologias adotadas. Tomamos como ponto de partida o “debate” ocorrido entre John Ohala e Carol Fowler em 1996 no qual se discutia qual é a natureza da percepção da fala. A sua apresentação é importante, pois há um hiato com relação às discussões sobre a natureza da percepção de fala. O problema é colocado na década de 50 (com os achados de Liberman e colegas nos Laboratórios Haskins) e somente é retomado em 1996 com esse “debate”. Até o Estruturalismo não se questionava qual era a natureza da percepção da fala. Para os estruturalistas, a percepção era o equivalente à audição, i.e., considerava apenas os dados que se percebia como distintivo em um corpus. Ao que parece, o problema surge por acaso quando Liberman e colegas (1957) tentavam encontrar o que havia de distintivo entre as categorias fonêmicas. Para isso, buscavam (com a ajuda do Pattern Playback: um aparelho que convertia espectrogramas desenhados à mão em som) quais eram as pistas acústicas que diferenciavam um [p] de um [d], por exemplo. No entanto, os resultados não apresentavam uma relação biunívoca entre o acústico e o articulatório, sugerindo que a articulação guiava a percepção; pois o que haveria de invariante na fala era a articulação, uma vez que o sinal acústico apresentava diferenças dentro de uma mesma categoria. É a partir desse ponto que o problema se instaura: qual seria a natureza da percepção da fala? Haveria primitivos perceptuais acústicos ou articulatórios? Como essas teorias se relacionam com as teorias fonológicas? A nossa hipótese é a de que os primitivos perceptuais são determinados pelos recortes estabelecidos pelas teorias fonológicas. Este trabalho se debruça sobre essas questões.

**Palavras-chave:** percepção da fala; audição; gesto articulatório; ontologia

**Aluno:** Jeniffer Imaregna Alcântara de Albuquerque (M)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adelaide Hercília Pescatori Silva (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Trennephol da Costa (UNICENTRO)

**Título:** Dessonorização Terminal (?): uma discussão sobre um estudo preliminar de percepção com oclusivas finais do inglês.

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é realizar uma discussão sobre os resultados de alguns testes de percepção – os quais ainda estão sendo conduzidos pela pesquisadora – sobre como os falantes de inglês como segunda língua identificam consoantes oclusivas em posição final. É mencionado pela literatura da área, a existência de uma dificuldade na distinção entre plosivas sonoras e surdas, no nível da representação, e sobre a existência de um processo de neutralização do fenômeno de dessonorização terminal por parte dos aprendizes de uma L2. Nessa direção, se iniciam, na década de 80, os primeiros estudos realizados sobre a DT. Os primeiros estudos de Eckman (1981) e Major (1981) caracterizam a DT como sendo um processo que envolve a perda do traço [sonoro] em algumas posições finais e, ainda como um processo ocorre em língua materna e estrangeira. Contudo, dados de outras línguas, como o alemão e holandês, mostram que o fenômeno da neutralização parece ocorrer de maneira incompleta. Assim, em 2010, foi realizado um experimento piloto sobre a produção de oclusivas finais de aprendizes paranaenses. Nesse experimento, pudemos observar que, ao contrário do que havia sido descrito anteriormente, as produções de nativos e não-nativos não pareciam se encaixar como sonoras ou surdas. Notou-se que, em muitas repetições, os informantes realizavam o que pode se chamar de neutralização parcial e, que em outros casos, a oclusiva não havia sido produzida, o que gerou a questão de como esses dados seriam interpretados pelos falantes nativos, como segmentos oclusivos, sonoros ou nenhum dos dois. A partir desse questionamento, decidiu-se fazer um levantamento das teorias de percepção que já haviam se debruçado sobre fenômenos como a dessonorização terminal para checar se, como na produção, podemos, também, encontrar uma gradiência no que diz respeito ao reconhecimento das oclusivas em posição final.

**Palavras-chave:** dessonorização terminal, produção, percepção.

**Aluno:** Karina Zendron da Cunha (M)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof. Dr. Maximiliano Guimarães (UFPR)

**Título:** As Sentenças Exclamativas no Português Brasileiro: A Mudança de Tessitura

**Resumo:** O presente projeto tem por objetivo pesquisar, na interface fonologia-sintaxe, o fenômeno da mudança de tessitura em *small clauses* dependentes, *small clauses* livres e demais sentenças exclamativas, com o intuito de averiguar o que essas construções têm em comum. A tessitura, segundo Cagliari & Massini-Cagliari (2004, p. 4) é um fenômeno acústico caracterizado pela mudança de faixa de frequência fundamental usada pelo falante. Este trabalho pretende verificar se em sentenças como as apresentadas abaixo esse fenômeno acontece:

- (1) a. A Maria acha um gênio *o Léó!*
- b. Linda *a sua meia!*
- c. Quanto homem *nesse lugar!*

Como nossa intuição de falantes nativos do PB nos indica, as partes dos enunciados destacadas em itálico apresentam uma faixa de frequência diferente e mais baixa do que a do resto da sentença. Para verificar se essa intuição está realmente correta, dois experimentos pilotos em fonética acústica foram propostos. Como resultado desses experimentos, as seguintes questões foram previamente respondidas: (1) as *small clauses* livres, assim como as demais sentenças exclamativas, realmente apresentam o fenômeno da mudança de tessitura? (2) Essas sentenças partilham com outras estruturas da língua o mesmo padrão entoacional? Na confecção dos testes, deparamo-nos com a seguinte dificuldade: o que é uma sentença exclamativa? Com o intuito de verificar se as sentenças testadas nos experimentos realizados eram mesmo exclamativas, aplicamos os testes semânticos de factividade, implicatura escalar e relação pergunta-resposta, sugeridos por Zanuttini & Portner (2005) e chegamos a um conjunto de construções com as propriedades pertinentes. Os próximos passos desse projeto serão os seguintes: (1) elaborar um experimento maior em fonética acústica para investigar o padrão entoacional das sentenças exclamativas; (2) propor uma estrutura sintática para as sentenças exclamativas; (3) estabelecer uma relação entre padrão entoacional e sintaxe.

**Palavras-chave:**

**Aluno:** Lília Schainiuka (M)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Mendes Campos (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh (UEPG)

**Título:** A argumentação na escrita da criança: uma análise apoiada na teoria dos blocos semânticos

**Resumo:** Em nossa dissertação pretendemos tratar da argumentação na escrita infantil, dentro da perspectiva da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). Esta teoria é proposta por Marion Carel e Oswald Ducrot e representa a fase atual da Teoria da Argumentação na Língua; a ideia central desta teoria é que a argumentação está inscrita na língua e aparece em forma de encadeamentos argumentativos, sendo a argumentação e a conclusão de um encadeamento entidades dependentes uma da outra, que juntas constituem o sentido de argumentação. Os chamados encadeamentos argumentativos possuem a seguinte estrutura: X conectivo Y, podendo o conectivo ser normativo (portanto) ou transgressivo (no entanto). Nosso objetivo, então, é descrever a argumentação na escrita da criança a partir da TBS, e evidenciar a possível contribuição desta teoria para a interpretação do texto infantil. Ao analisar os textos dentro dessa teoria, pretendemos discutir algumas questões de aquisição de escrita que possam nos auxiliar nas análises e no entendimento das especificidades da escrita da criança. Os textos que fazem parte do nosso corpus foram escritos por crianças de nove e dez anos, pertencentes a duas turmas de 4<sup>o</sup> ano de uma escola pública. A produção se realizou no contexto escolar, e a proposta foi direcionada para que os alunos elaborassem um texto de cunho argumentativo.

**Palavras-chave:** Argumentação; Escrita infantil; Texto; Teoria dos blocos semânticos

**Aluno:** Márcia Regina Becker (D)

**Orientador:** Prof. Dr. Michael Alan Watkins (UFPR)

**Co-orientador:** Denise Cristina Kluge

**Sugestão de debatedor:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Lúcia de Castro Gomes (UTFPR)

**Título:** Inteligibilidade da língua inglesa sob o paradigma de ELF: percepção de discursos de falantes de diferentes L1s por brasileiros

**Resumo:** É já um fato que a maioria das interações em língua inglesa ocorre hoje entre falantes de diferentes línguas maternas (L1), o que leva à constatação de que há a necessidade de mudança de paradigmas no que diz respeito a como esta língua franca deveria ser ensinada, pois o modelo do falante nativo não mais necessita – ou não mais deveria - ser perseguido. A língua deveria então ser ensinada como meio de comunicação intercultural, e deveria ter como um de seus objetivos a inteligibilidade do discurso, esta dimensão da pronúncia que assoma como a mais importante no contexto atual de inglês enquanto língua franca. O próprio uso do termo inteligibilidade não é consenso entre os pesquisadores da área, mas como nos parece o mais adequado e abrangente – e também, atualmente, o mais difundido – será o adotado neste trabalho. Segundo Munro & Derwing (1995, p. 291) “a inteligibilidade refere-se à extensão na qual uma produção é entendida de fato”. Usualmente, testes de inteligibilidade pressupõem uma transcrição ortográfica (uma espécie de ditado, sendo que a pessoa que “dita” na verdade está falando; para isso são feitos cortes tais que não haja sobrecarga para memorizar o que foi dito). O objetivo geral desta pesquisa é, através de experimentos de percepção da língua inglesa falada por indivíduos de diversas nacionalidades, brasileiros inclusive, definir o grau de inteligibilidade de seus discursos, apontando quais as características fonéticas que mais causam problemas para entendimento do ouvinte brasileiro.

**Palavras-chave:** inteligibilidade; percepção; ELF.

**Aluno:** Mariana Medeiros Trautwein (M)

**Orientador:** Prof. Dr. Maximiliano Guimarães (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR)

**Título:** Ser, estar, ficar, permanecer, continuar, andar e parecer: possibilidades de análise

**Resumo:** Os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *continuar*, *andar* e *parecer* são considerados pela tradição normativa gramatical como verbos de ligação, porém no âmbito da lingüística esses verbos receberam diversas classificações como verbos de alçamento, verbos inacusativos, verbos auxiliares, categorias funcionais, uma possibilidade não necessariamente excluindo a outra em concomitância. Em uma primeira análise o que se percebe é que esses verbos mostram-se sempre peculiares dentro de qualquer classe, seja por sua seleção de predicado, informações aspectuais ou por seu hibridismo de comportamento como uma categoria funcional ou lexical. São verbos que podem selecionar VPs, mini-orações, ou sentenças completas, com todos os domínios funcionais cabíveis (caso principalmente de *parecer*) e frequentemente são associados à locativos. Diante disso cabe perguntar qual é a sintaxe desses verbos, suas possíveis combinações, suas informações aspectuais, sua semântica que permite certas combinações e não permite outras. Nesta análise pretende-se apresentar um panorama das possíveis classificações dos verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *continuar*, *andar* e *parecer*, descrever o comportamento destes verbos seguindo o padrão de classificação de Chomsky (1957) para o inglês e revisado por Lasnik (2000), detectando (i) quais são os itens selecionáveis por cada um desses verbos (orações, mini-orações, VPs, além de cada um desses mesmos verbos sob análise); e (ii) quais traços morfológicos cada um deles permite/proíbe/impõe que haja no núcleo do XP por eles selecionado. Far-se-á também uma reflexão a partir da proposta de Ross (1967) - aqui, reinterpretada a partir de Lasnik (2000) - de que os chamados auxiliares seriam na verdade todos verbos plenos. A partir de alguns testes feitos por Ross e testes estabelecidos aqui mesmo, pretende-se analisar algumas situações conflitantes nessa busca por uma tipologia exata. Mostrar-se-á que o tratamento desses verbos não é tão simples como vem sendo apresentado e que estudos mais específicos devem ser feitos.

**Palavras-chave:** verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *continuar*, *andar* e *parecer* ; auxiliaridade; tipologias; combinações

**Aluno:** Mariana Paula Muñoz Arruda (D)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elena Godoi (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof. Dr. Márcio Renato Guimarães (UFPR)

**Título:** A polidez no discurso jurídico: uma análise da petição inicial cível nas línguas portuguesa e espanhola

**Resumo:** O objetivo deste estudo é analisar a (im)polidez em textos escritos do discurso jurídico. Para tanto, reunimos petições iniciais em português (Paraná - Brasil) e petições iniciais em espanhol (Buenos Aires – Argentina). Iniciaremos estudando os conceitos pragmáticos de polidez apresentados com critérios das teorias fundadoras (Lakoff, 1973; Leech, 1983; Brown & Levinson, [1978] 1987). Brown & Levinson retomam a noção de imagem básica de Goffman (1967) como ponto de partida para a sua proposta. Trabalhos recentes da rede EDICE (*Estudios sobre el discurso de la cortesía en español*) discutem a descrição que Brown & Levinson fazem da imagem social. Bravo (2004) classifica os comportamentos de polidez conforme se orientem as imagens de autonomia (que é aquela mediante a qual um integrante de um grupo adquire uma característica própria dentro do mesmo, como, por exemplo, ser um bom escritor dentro do conjunto de escritores) e afiliação (que se plasma em comportamentos tendentes a ressaltar os aspectos que fazem uma pessoa identificar-se com as qualidades do grupo). Esse é o conceito de imagem social básica de Bravo, o qual delimita conteúdos socioculturais. Buscaremos na literatura aportes teóricos, metodológicos e analíticos a partir de múltiplas perspectivas, com a finalidade de estudar as estratégias de polidez no *corpus*. Formas de atenuação também serão objeto de nosso estudo (Albelda Marco, 2008), bem como a impolidez que surge como campo de estudo com entidade própria, a partir dos trabalhos de Lachenicht (1980) e Kaul de Marlangeon ([1992] 1995-2003). Assim, encontramos estudos sobre impolidez em diferentes contextos, como por exemplo no judicial (Bernal, 2010). A proposta deste trabalho é comparar as atitudes linguísticas no discurso da polidez em petições cíveis do discurso jurídico, nas línguas portuguesa e espanhola, como também concluir quais estratégias de polidez são encontradas nessas línguas. Pretendemos ainda detectar estratégias específicas do discurso jurídico.

**Palavras-chave:** (Im)polidez, discurso jurídico, petições iniciais cíveis, português/espanhol.

**Aluna:** Nelza Mara Pallú (D)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clarissa Menezes Jordão (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof. Dr. Francisco Carlos Fogaça (UFPR)

**Título:** A promoção de agências discursivas na formação de professores de inglês: um estudo sobre as crenças e atitudes de professores sobre o inglês como uma língua franca global

**Resumo:** Este projeto de pesquisa foi inicialmente motivado pelos resultados obtidos em um estudo anterior que realizei durante o Programa de Mestrado em Educação (UEPG) sobre representações do Processo de Ensino e Aprendizagem de Inglês, ocasião em que foi possível constatar que os sujeitos investigados, pais, alunos e professores de inglês, percebem a importância deste aprendizado devido à influência predominante de dois aspectos: das abordagens comunicativas que informam as práticas pedagógicas nas últimas décadas, e dos interesses depositados pelo contexto das relações econômicas capitalistas. Contudo, foi também possível levantar alguns indícios de uma tímida percepção pelos sujeitos, da posição do inglês como uma língua universal, o que favoreceu a proposta de continuidade investigativa tendo como interesse o Inglês como uma Língua Franca Global (ILFG). Assim, a presente pesquisa se propõe, sob uma abordagem etnográfica discursiva (Maturana, 2001; Tyler, 1986; Wielewicki, 2001), a investigar as crenças e instigar atitudes transformadoras sobre o fenômeno do ILFG na era pós-moderna. O embasamento teórico selecionado envolve os estudos que informam o ILFG de Dewey, 2007; Jenkins (2006); Jordão (2009); Llurda, 2004; Mckay (2003); Rajagopalan (2010); Seidlhofer (2004) dentre outros, e dos conceitos desenvolvidos pela Teoria Transformativa (TT) de Mezirow (2000a; 200b; 2003) e por Nicos Sifakis (2007). A investigação foi organizada metodologicamente em espaços propícios para o desenvolvimento de agências discursivas resultantes de formas de reinterpretação do processo de ensino e aprendizagem de inglês.

**Palavras-chave:** Inglês como uma Língua Franca Global; Teoria Transformativa; Agências Discursivas.

**Aluno:** Patricia Aspilicueta (D)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Mendes Campos (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh (UEPG)

**Título:** A inscrição da criança na escrita: aquisição de escrita sob o enfoque enunciativo

**Resumo:** Entendemos que, em grande parte, as dificuldades enfrentadas por crianças na aquisição da escrita decorrem do próprio percurso de entrada da criança na linguagem escrita. Nesse sentido, esse trabalho assume o questionamento a uma abordagem clínica e organicista dada às chamadas dificuldades de aprendizagem, interpretando-as sob uma perspectiva linguística. A fundamentação teórica da tese pauta-se no Interacionismo estruturalista de Cláudia de Lemos e na Teoria da Enunciação de Émile Benveniste com o objetivo de analisar o processo de entrada da criança na escrita sob um enfoque enunciativo, investigando os movimentos e mecanismos em direção à elaboração de textos de crianças que apresentam dificuldades no processo de aquisição da escrita. Os sujeitos do estudo serão dez crianças do primeiro segmento do ensino fundamental encaminhadas pelas suas escolas atendimento devido a dificuldades de aprendizagem de leitura-escrita. O corpus será composto pelos textos produzidos pelas crianças, em encontros semanais, ao longo de aproximadamente um ano. Em cada encontro a pesquisadora apresentará uma diferente proposta de texto a ser elaborado pelas crianças, trabalhando-se diferentes gêneros textuais no decorrer do ano. Os encontros serão filmados com a finalidade de permitir que se acompanhe como o outro - nesse momento as outras crianças do grupo, a pesquisadora e os textos circulados - afeta o texto. Ao término de cada oficina, procederei ao registro da sessão em diário de campo. Para a análise de dados tomarei uma abordagem qualitativa, buscando investigar como se dá a inscrição de cada criança na escrita e seus efeitos no texto. Ressalto que o foco da investigação não se encontra definido previamente, emergindo do próprio material durante a análise. Contudo, a intenção é de que o aspecto a ser analisado seja entendido como índice de um processo mais global de inscrição da criança na escrita.

**Palavras-chave:** aquisição de linguagem; escrita; enunciação

**Aluno:** Paula Cristina dos Reis (M)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odete Pereira da Silva Menon (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Loremi Loregian (UNICENTRO)

**Título:** A concordância de número nos predicativos na fala de Curitibaanos Natos

**Resumo:** Visando contribuir para um melhor entendimento do Português falado no Sul do país, o presente projeto, ainda em fase de coleta e análise de dados, tem por objetivo geral final desenvolver uma análise descritiva do comportamento da concordância de número nos predicativos/ participios passivos na fala de Curitibaanos natos. Para tanto, após ser finalizada a etapa de discussão bibliográfica e de coleta de dados, será necessário descrever o conjunto de variáveis lingüísticas que atuarem na variação em estudo, analisar o conjunto das variáveis lingüísticas que condicionarem a presença de marca formal de plural e buscar evidências de variação lingüística estável e em progresso. O corpus analisado faz parte do Banco de Dados do Projeto VARSUL e consiste em 24 entrevistas, todas coletadas e transcritas conforme metodologia laboviana e regularmente distribuídas por faixa etária, sexo e escolaridade.

**Palavras-chave:**

**Aluna:** Thaisa de Andrade Jamoussi (D)

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clarissa Menezes Jordão (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aparecida de Jesus Ferreira (UEPG)

**Título:** Formação continuada de professores de língua inglesa e grupos de estudos: uma vivência etnográfica

**Resumo:** O foco da presente pesquisa é a formação continuada de professores de inglês da rede pública de ensino envolvidos em um grupo de estudos, criado como uma possibilidade de formação continuada. O grupo de estudos teve início em 2002 e esteve ativo até 2010. Um dos objetivos da pesquisa era compreender o que fez com que o grupo permanecesse ativo durante 9 anos. A análise do funcionamento do grupo, das atividades desenvolvidas, das leituras e discussões realizadas e a percepção dos professores sobre as contribuições do grupo de estudo para a sua formação continuada também foram objetivos da pesquisa. O grupo de estudos foi criado com base nos estudos desenvolvidos por Hammerman (1997), Jones (1997), Arbaugh (2000), Gitlin (2000), Britt, Irwin e Ritchie (2001), Nieto e Yearwood (2002), Unda (2002) que demonstraram que grupos de estudo são formas adequadas para o desenvolvimento profissional, uma vez que são criados a partir das necessidades, interesses, expectativas e disponibilidade dos professores. Os dados foram obtidos a partir de um questionário, registros das reuniões e de uma entrevista final. Os resultados parciais do estudo incluem: a compreensão de como grupos de estudo podem funcionar, os papéis que os professores em formação continuada assumem, o papel do facilitador externo e o valor de formas menos estruturadas de formação continuada. Apesar de o grupo de estudo ter tirado os professores de seu isolamento e possibilitar a troca de experiências, a leitura e discussão de temas de interesse, ao contrário do que estudos anteriores afirmam, grupos de estudos não podem ser caracterizados como ambientes livre de julgamento, pois as relações de poder/saber entre os membros do grupo não ficam de fora deste tipo de espaço. A pesquisa também sugere que grupos de estudo são adequados para professores com um determinado perfil/identidade, fazendo com que determinadas necessidades possam ser atendidas e outras não.

**Palavras-chave:** professores de inglês, formação continuada, grupos de estudo, desenvolvimento profissional.

**Aluno:** Valdilena Rammé (M)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa C. Wachowicz (UFPR)

**Sugestão de debatedor:** Prof. Roberlei Bertucci (USP)

**Título:** Como expressamos o deslocamento no espaço? Estudo de construções com verbos de maneira e preposições locativas

**Resumo:** Este projeto de mestrado pretende estudar a expressão de mudança de lugar (movimento direcionado) denotada pelas construções [ $V_{\text{maneira}}$  +  $\text{Prep}_{\text{loc}}$ ] no Português Brasileiro (PB): “Uma pedra voou no capô do meu carro”. Apesar de verbos de maneira de movimento ocorrerem frequentemente com preposições que expressam trajetória (para, até, etc) possibilitando, assim, a permuta de sua leitura locativa para uma leitura de trajetória, curiosamente, nestes casos, não podemos atribuir à preposição a mudança da leitura locativa para uma leitura de trajetória, pois preposições locativas estáticas “não carregam nenhuma noção de movimento de maneira inerente” (Bonami, 1999). Como essa leitura alternativa pode ser licenciada ou denotada pelo verbo, pela preposição, pelo objeto escolhido pelo verbo, preposição ou mesmo evento, e como muito provavelmente, pode ser licenciada pela interpretação composicional de todos estes elementos, devemos analisá-los todos cuidadosamente. Assim, num primeiro momento, a proposta é analisar os verbos de maneira de movimento (andar, correr, etc) sob a luz da teoria decomposicional de Pinker (1989, 2005), da semântica cognitiva de Talmy (2000) que, além disso, nos traz uma proposta interessante de decomposição da estrutura conceitual das preposições espaciais, e ainda, da teoria sintática de primeira fase de Ramchand (2008), proposta de sistema sintático que integra conceitos de teorias lexicalistas e sintáticas, como a Morfologia Distribuída. Com isso, pretendemos encontrar indícios para explicar como e/ou por que este tipo de variação acontece e, principalmente, a regra que licencia esta variação. Num segundo momento, analisaremos as preposições locativas do PB em suas interações com os verbos deste estudo, no intuito de descrever minuciosamente sua estrutura conceitual, os objetos que elas tomam e as possíveis leituras alternativas que elas licenciam. Finalmente, testaremos a freqüência das ocorrências dessa leitura alternativa no banco de dados NURC, no Varsul ou mesmo em produções encontradas na Internet.

**Palavras-chave:** estrutura conceitual, verbos de maneira de movimento, preposições locativas, semântica cognitiva.

## MODALIDADE DE PARTICIPAÇÃO OPCIONAL

**Aluno:** Andrea Knöpfle (D)

**Orientador:** Prof. Dr. Maximiliano Guimarães

**Título:** Os limites morfológicos dos adjetivos em resultativas adjetivais no alemão

**Resumo:** Resultativas adjetivais são construções causativas formadas por verbo matriz intransitivo, DP<sub>Acc</sub> e adjetivo (seguindo a proposta primeiramente formulada em Kratzer, 2005), como em (i): *Er hat das Papier naß geniest* - Ele teve [o papel]<sub>Acc</sub> molhado espirrado - 'Ele molhou o papel, espirrando sobre ele./ Ele espirrou, molhando o papel.'. Como já apontado na literatura (Carrier e Randall, 1992) resultativas com participios e gerúndios se comportando como adjetivos são impossíveis, como em (ii): \**The maid scrubbed the pot shined/shining*. - A moça teve o pote brilhado/brilhando esfregado. - *Sentido pretendido:* 'A moça esfregou o pote e ele ficou brilhando.'. Para Kratzer (2005), esse tipo de restrição é morfológica, uma vez que o adjetivo para poder participar de uma resultativa precisa ser *bare* (i.e. não conter flexão). Essa seria inclusive, segundo a autora, uma possibilidade para explicar a variação paramétrica: a hipótese é de que os adjetivos na línguas românicas, desde o início da derivação sintática, não apareceriam sem marcas de flexão. O objetivo deste trabalho é investigar o que precisamente significa *bare* no contexto relevante. Realizo uma breve comparação do comportamento dos adjetivos no alemão e no PB. A diferença de comportamento, com base em Câmara Jr. (1970), parece corroborar a hipótese da impossibilidade de ocorrência dos adjetivos em PB sem a presença de flexão ou pelo menos de vogal temática, ao contrário do alemão. O levantamento empírico testou resultativas no alemão com adjetivos apresentando marcas de gênero, número e caso, gerando dados agramaticais. Interessantemente, são possíveis resultativas com adjetivos modificados em grau e adjetivos derivados (por prefixação e ou sufixação) – todos sem marcas de caso, gênero e número. Levanto, então, a questão dos limites da classificação e ordem morfológica derivação/flexão à luz das possibilidades de realização morfológica dos adjetivos em resultativas adjetivais no alemão.

**Aluno:** Fabio Luis Fernandes Mesquita (M)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lúgia Negri

**Título:** Um modelo neogriceano para a análise da anáfora

**Resumo:** A anáfora pode ser analisada por um dispositivo criado nos anos 1980 baseado nas máximas conversacionais de Grice. Esse aparato, também chamado neogriceano, pode ser expresso em três princípios: I (informatividade), Q (quantidade) e M (modo). O primeiro diz basicamente que um elemento lingüístico tem mais chance de apresentar correferencialidade do que outro por ser semanticamente mais “fraco”, ou seja, ter menos acarretamentos, o que parece ser uma tendência da língua natural para evitar a ambigüidade. Por exemplo, na sentença “*Pedro disse que Ø ia viajar*”, o gap Ø é definitivamente correferencial em relação a *Pedro*. Já em “*Pedro disse que ele ia viajar*” não temos certeza, pois o pronome *ele* pode ter duas interpretações, uma correferencial e outra não. Mas podemos afirmar pelo princípio I que a interpretação correferencial é preferida em relação a “*Pedro disse que o cara ia viajar*”. Ou seja, dada uma hierarquia SN → pronome → gap, quanto mais a escolha for para a direita, maior será a preferência por uma interpretação correferencial. Os outros princípios também funcionam com base em conceitos semânticos e lingüísticos como estes, o que favorece a aplicação desse aparato em línguas nas quais a anáfora parece ser um mecanismo de características mais pragmáticas do que sintáticas, como o Chinês, por exemplo. A intenção deste trabalho é de testar este dispositivo com exemplos de Português Brasileiro, que não é uma língua de ordem tão livre como o Chinês, mas que também apresenta muitas ocorrências de sujeito e objeto nulos, e algumas particularidades que podem interferir na aplicabilidade dos princípios, como a partícula *se*, e os possessivos *seu* e *dele*, por exemplo.

**Palavras-chave:** anáfora, neogriceano, pragmática, ambigüidade

**Aluna:** Joseane Prezotto (D)

**Orientador:** Prof. Dr. José Borges Neto

**Título:** Notas acerca da crítica cética à correção gramatical: o signo para Sexto Empírico.

**Resumo:** Sexto Empírico (séc. II d.C.) expõe, em diferentes passagens ao longo de sua obra, uma crítica irreduzível à idéia de correção lingüística estabelecida pelos tratados gramaticais. A noção de correção propagada pelos gramáticos, alexandrinos ou estóicos, base estrutural e racional da configuração de seu trabalho, viola não apenas o senso comum, segundo Sexto Empírico, como se funda em uma leitura inapropriada da relação entre o mundo e a linguagem. O empreendimento filosófico cético pressupõe uma visão de linguagem que desautoriza sua transformação em objeto teórico, e na condenação ao estabelecimento de um princípio de correção gramatical acreditamos poder apontar elementos que nos permitiriam caracterizar a concepção lingüística que serve de base à argumentação de Sexto Empírico. O objetivo de minha fala, desta forma, é apresentar uma investigação inicial acerca das concepções filosóficas sextianas que estariam a sustentar seu ataque à correção gramatical, expondo os principais argumentos do filósofo, com o intuito de evidenciar sobre que ponto de vista estrutura-se sua crítica. Neste processo, terá papel essencial a análise da distinção que Sexto Empírico apresenta entre signo indicativo e comemorativo. Sexto dirá que, havendo duas espécies de signos, sua argumentação não se dirige indistintamente a todo signo, mas somente contra o signo indicativo, que parece ter sido inventado pelos dogmáticos. Já o signo comemorativo estaria ligado à vida cotidiana: fumaça é signo de fogo; cicatriz é signo de ferimento. A linguagem estaria neste nível, signo comemorativo, equivalente da experiência (AM VIII 279, 290; AM I 38). Procurar-se-á estimular um debate, por um lado, acerca da possibilidade de encontrar nesta afirmação de Sexto Empírico a condição de entendimento de sua posição quanto à correção gramatical, e por outro, acerca da necessidade de relacionar as duas discussões, sobre signo e correção gramatical, em prol de uma abordagem da perspectiva epistemológica sextiana.

**Palavras-chave:** ceticismo, gramática, história das idéias lingüísticas

**Aluno:** Livy Maria Real Coelho (D)

**Orientador:** Prof. Dr. José Borges Neto

**Título:** A tipologia presumida no Léxico Gerativo

**Resumo:** O Léxico Gerativo (PUSTEJOVSKY, 1995) propõe uma semântica lexical baseada em um léxico organizado e rico e em determinados mecanismos formais que viabilizam que cada item lexical possa ter diferentes comportamentos a depender do contexto em que aparece. Estes mecanismos são ferramentas que garantem que uma combinação de tipos, a priori não combináveis, seja realizada. No entanto, diferente do que rege o princípio da composicionalidade atribuído a Frege, tais ferramentas combinam apenas parte da informação de cada uma das entradas, e não todo o conteúdo semântico de cada uma delas. Pustejovsky, então, assume seu princípio de co-composicionalidade, que dita que o sentido do todo é composto apenas por uma parcela do significado de cada uma de suas partes. As “parcelas” do significado de cada entrada estão organizadas em quatro estruturas internas a cada item: argumental, eventiva, herança lexical e qualia, que é subdividida em quale agentivo, télico, formal e constitutivo. Ainda o Léxico Gerativo seja uma proposta interessante e que pareça dar conta de certos fenômenos, como polissemia e metáfora, a teoria pressupõe uma ontologia de tipos extremamente complexa que praticamente não é discutida em PUSTEJOVSKY (1995) ou em trabalhos subsequentes (PUSTEJOVSKY & ASHER, 2000; PUSTEJOVSKY, 2001). Tal tipologia afasta-se da proposta de Montague e parece antes estar relacionada ao mundo e à pragmática do que à semântica propriamente dita (cf. FODOR & LEPORE, 1998), uma vez que tipos no LG podem ser *entidades*, *eventos*, mas também *móvel*, *comida*, *planta*. O que pretendo discutir é o que de fato é esta ontologia pressuposta por Pustejovsky e os problemas que daí surgem, considerando suas operações de *shifting*, exemplos enunciados e os problemas que o autor pretende resolver, e em que medida seria viável um sistema no qual a estrutura tipológica assumida fosse exatamente a pressuposta pelo autor.

**Palavras-chave:** Léxico Gerativo, Ontologia, Co-composicionalidade

**Aluno:** Marcos Barbosa Carreira (D)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Foltran

**Título:** Para uma teoria geral da predicação: as construções predicativas

**Resumo:** Este projeto de doutorado é uma proposta de investigação das estruturas de predicação; mais especificamente das conhecidas Small-Clauses e Predicados Secundários. O objeto de estudo é essencialmente recortado como as estruturas linguísticas do tipo V+D+N+X (vista de um ponto de vista linear da realização sintática), em que a sequência D+N+X não forma um DP complexo e entre D+N e X há uma predicação. Na literatura essas estruturas têm sido chamadas de Small Clauses, Predicados Secundários e ainda de Predicados Complexos. São exemplos dessas construções em português as que seguem abaixo, entre colchetes (os colchetes não indicam formação de constituinte):

(1) O professor considera [ aquele aluno inteligente ]

V      D      N      X      → neste caso, um A (Adjetivo)

(2) João comeu [ a picanha crua ]

V    D    N    X

Em (1), a sequência de rótulos descreve linearmente o que está na superfície frasal. Nesta pesquisa, diferentemente de minha dissertação de mestrado (cf. Carreira, 2008), a ideia é estender o objeto de estudo a um nível mais abrangente de tal forma que esse trabalho não precise se restringir às construções predicativas adjetivais (como exemplificado acima), mas que inclua também outros XP predicativos que ocorrem neste contexto; por exemplo, as construções predicativas preposicionais, nominais e verbais (gerundivas e infinitivas). Essa investigação se insere no quadro teórico da Gramática Gerativo-Transformacional.

**Palavras-chave:** predicação, small-clause, predicados secundário.

**Aluno:** Selmo Ribeiro Figueiredo Júnior (M)

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lígia Negri

**Título:** Qual é a significação do fenômeno da denegação no campo da linguística?

**Resumo:** Nossa proposta de estudo baseia-se em elucidar o fenômeno da denegação (descrito pela Psicanálise como uma negação de conteúdo proposicional operada pelo sujeito em seu enunciado, mas que, em seu inconsciente, essa negação do conteúdo efetivamente não existe) a partir de uma perspectiva linguística, entendendo que seu entendimento linguístico poderá tornar o conhecimento acerca dos processos negatórios no discurso mais produtivo, de maneira que relações entre o consciente (*grosso modo*, o que é pensado) e o inconsciente (o que foge ao pensar consciente) do sujeito da linguagem poderão ser explicitadas, a favor da epistemologia da negação. Para a verificação dessa hipótese, vamos partir, de início, de postulados referentes à denegação existentes na Psicanálise — Lacan (1954), Freud (1925), Hyppolite (1954) etc. — para, em seguida, estudá-la à luz da Linguística — com Ducrot (1973, 1987), Benveniste (1976) etc. — e da Pragmática estrita — Searle (1981), Austin (1975), Dascal (2006) etc. Enquanto objetivo geral, o estado-da-arte sobre o tema será levantado, sua literatura disponível na atualidade, revisando-se os conceitos de negação simples (negação polêmica, negação metalinguística, negação descritiva) e ironia, bem como considerar as categorias de locutor, enunciador e enunciação, de modo que essa postura possa favorecer a abordagem da denegação. Com este projeto, supõe-se que a análise do fenômeno da denegação sob olhar linguístico venha a dar origem a categorias de negação que podem estar, por ora, sendo reunidas simplistamente sob a rubrica da denegação, podendo propiciar, portanto, o fazer interpretativo do linguista ser sensivelmente mais eficaz em sua tarefa, bem como a do psicanalista, pretende-se, ao menos para os interessados na dimensão linguística da denegação enquanto manifestação inconsciente de ordem enunciativa.

**Palavras-chave:** Denegação. Linguagem. Inconsciente. Sujeito.